

Delfim e Sayad debatem com ironia o Plano Macro

Foi um debate sem vencedores mas pleno de farpas irônicas o encontro entre os ex-ministros do Planejamento, Antônio Delfim Neto e João Sayad, na discussão sobre o Plano Macroeconômico promovida pela Ordem dos Economistas de São Paulo. Se houvesse uma forma de medir o sucesso, a maior procura dos jornalistas pelas declarações do deputado Delfim Neto, ao final do debate, poderia ser um indício de que ele foi mais crítico do que Sayad, que é a favor do plano, considerando-o um bom caminho para a transição democrática.

Sayad defende a aprovação da nova Constituição como passo principal para o bom andamento da economia do País. Por ser a "lei maior, permitirá que as regras se definam e os investimentos privados possam ser recuperados", abrindo espaço para a retomada da economia brasileira, disse. Considera fundamental que o governo consiga, nos próximos seis meses, combater o déficit público e renegociar a dívida externa.

— O problema da dívida externa está praticamente resolvido — disse Sayad. As soluções já estão colocadas na mesa, a economia cresce a taxas de 5% a 6% ao ano e o superávit de julho demonstra essa firmeza. O deságio da dívida e a moratória permitem situação mais favorável para a renegociação com soluções criativas, como a conversão da dívida. O Brasil pediu concordata e está na hora de começar a negociação para sair dela.

Embora no início de sua palestra Sayad



Delfim e Sayad: um duelo de teorias.

tenha dito ironicamente que não pretendia fazer qualquer agressão a Delfim, assegurou que só se permitiria dizer que ele "é professor há mais tempo do que eu". A farpa foi devolvida, mais tarde, quando num dos momentos da discussão sobre o Plano Macroeconômico, defendido por Sayad, Delfim disparou: "Você lembra que modelos mais complicados que esse eram feitos na faculdade como exercícios de sala de aula".

Mas outra ironia foi feita por Sayad. Disse que o deputado tinha lido o plano, ao exemplificar um determinado trecho para a plateia, como "uma forma de leitura da Bíblia que não poderia ser feita por um padre". Mais tarde Delfim devolveu: "Foi uma definição rabinística" para explicar que considerava o Plano Macroeconômico consistente mas inviável.

As ironias não pararam por aí. Sayad disse considerar o capitalismo um cavalo selvagem difícil de ser controlado e que o debate econômico era sobre as formas de se colocar controles para transformar o animal indócil num bailarino. Tudo dependia da forma como que se aplicassem as rédeas e o freio. Afinal, Sayad defende que, para se combater a inflação, com a qual o Brasil convive desde 1948 como se fosse uma droga, é preciso aplicar um choque e se estabelecer uma política de renda.

Devolvendo uma farpa, Delfim comentou: "Pensei que o ministro estivesse referindo-se à lenda do bom selvagem, mas na verdade, nem todas as teorias desenvolvi-

das pelos economistas são tão eficientes como a economia de mercado". Mais adiante disse que o camelo era um cavalo projetado por economistas.

Para Sayad, as decisões referendadas pelo CMN estão no caminho correto para enxugar o excesso de liquidez através da elevação das reservas. Assegurou que nos próximos seis meses o governo precisa tomar muito cuidado para controlar a inflação que, neste momento, é de custos e não de demanda. Preveniu que "ela se manterá baixa por algum tempo mas tenderá a subir se não forem solucionados problemas como o corte dos gastos públicos". Alertou ser importante muita cautela no momento de iniciar o descongelamento de preços para não se incorrer em erros já conhecidos.

Ao analisar as medidas, Delfim não poupou críticas: "Estão dando a elas uma importância que elas não têm. Foi um truque para aumentar o financiamento dos gastos do próprio governo", permitindo que ele se aproprie de uma boa parcela da poupança de seu déficit.

Insistiu em que o Cruzado III está "começando a fazer água", e logo mais será adotado o Cruzado IV, permitindo que "cheguemos ao Cruzado XVIII, transformando o País numa economia quântica". "Estou absolutamente convencido de que esse é um governo que continua criando para não ter que solucionar os problemas internos que existem de verdade", arrematou o deputado.

Edson di Fonzo